

COMO O JORNALISMO ENFRENTA A POTÊNCIA DAS FAKE NEWS? ESTUDOS DE CASO, REFLEXÕES E CENÁRIOS NO BRASIL E EM PORTUGAL

HOW DOES JOURNALISM COMBAT THE POWER OF FAKE NEWS? CASE STUDIES, REFLECTIONS, AND POSSIBLE SCENARIOS IN BRAZIL AND PORTUGAL.

¿CÓMO EL PERIODISMO HACE FRENTE A LA POTENCIA DE LAS FAKE NEWS? ESTUDIOS DE CASO, REFLEXIONES Y ESCENARIOS POSIBLES EN BRASIL Y PORTUGAL.

Livro Resenhado

FIGUEIRA, João; SANTOS Sílvio

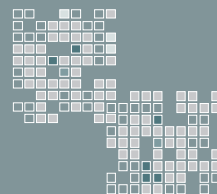
As Fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade: manipulação, polarização, filter bubbles



Valquíria Aparecida Passos Kneipp

■ Doutora em Comunicação pela Eca/USP. Professora Associada 3 na UFRN e diretora de Comunicação da Alcar.

■ E-mail: valquiriakneipp@yahoo.com.br



RESUMO

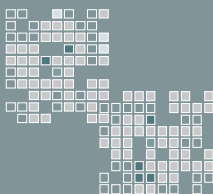
A resenha apresenta obra contendo abordagens diferenciadas de pesquisadores brasileiros e portugueses sobre o fenômeno da desinformação, que na contemporaneidade potencializou a disseminação de notícias falsas. Os 14 textos fomentam o debate sobre fake news a partir da hipótese recentrada por dois fatores: a ascensão de protagonistas estranhos ao campo da política e o papel das redes sociais e da internet. As reflexões apresentadas ressaltam a importância do fenômeno não só no Brasil e em Portugal como também na América Latina, por atingir o mundo todo, devido a sua relevância e propagação em termos globais como uma onda.

ABSTRACT

the review presents a work containing different approaches by Brazilian and Portuguese researchers on the phenomenon of disinformation, which in contemporary times has potentiated the spread of fake news. The 14 texts foster the debate on fake news from the hypothesis refocused by two factors: the rise of protagonists outside the field of politics and the role of social networks and the internet. The reflections presented emphasize the importance of the phenomenon not only in Brazil and Portugal but also in Latin America, as it reaches the whole world, due to its relevance and propagation in global terms like a wave.

RESUMEN

La revisión presenta un trabajo que contiene diferentes enfoques de investigadores brasileños y portugueses sobre el fenómeno de la desinformación, que en la época contemporánea ha potenciado la difusión de noticias falsas. Los 14 textos fomentan el debate sobre las fake news desde la hipótesis reenfocada por dos factores: el surgimiento de protagonistas fuera del ámbito de la política y el papel de las redes sociales e internet. Las reflexiones presentadas enfatizan la importancia del fenómeno no solo en Brasil y Portugal sino también en América Latina, ya que alcanza a todo el mundo, por su relevancia y propagación en términos globales como una ola.

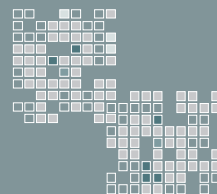


Como o jornalismo enfrenta a potência das fake news? Estudos de caso, reflexões e cenários no Brasil e em Portugal

A obra reúne 14 textos de pesquisadores de universidades brasileiras e portuguesas com o propósito de fomentar o debate sobre as *fake news* a partir da hipótese de que na atualidade esse fenômeno está recentrado por dois fatores: o primeiro é a ascensão de protagonistas estranhos ao campo da política que agora dominam o espaço público mediatizado e o papel das redes sociais e da internet que disputam com o jornalismo a centralidade comunicacional e informativa. As reflexões apresentadas ressaltam a importância do fenômeno. A obra reúne 14 textos de pesquisadores de universidades brasileiras e portuguesas com o propósito de fomentar o debate sobre as *fake news* a partir da hipótese de que na atualidade esse fenômeno está recentrado por dois fatores: o primeiro é a ascensão de protagonistas estranhos ao campo da política que agora dominam o espaço público mediatizado e o papel das redes sociais e da internet que disputam com o jornalismo a centralidade comunicacional e informativa, não só no Brasil e em Portugal como também na América Latina, por atingir o mundo todo, devido a sua relevância e propagação em termos globais como uma onda.

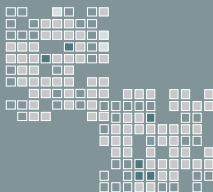
A apresentação de autoria do recém-falecido pesquisador brasileiro Ciro Marcondes Filho (*Fake news: o buraco é muito mais em baixo*), com mais uma relevante contribuição, dentre tantas que ele deixou, alerta de forma crítica e contundente, como sempre de costume, os perigos das *fake news* no novo contexto. Segundo ele, vivenciamos uma nova forma de dominação. O autor também pontua os traços da cena mundial, que acirra as desigualdades, os conflitos e das políticas destrutivas de algumas nações. Sendo que o primeiro traço é o esvaziamento da formação da opinião pública e o subsequente desmoronamento das práticas racionais e consensuais de discurso por meio do que se chamou “conexão emocional” (grifo do autor). O segundo traço dessa cena é a exploração de um espaço virtual por meio de sistemas convergentes de pressão, que visam monopolizar o trânsito de informações relevantes. O terceiro e último traço é a sensação nova que se instala no espaço público, mas invade igualmente a esfera individual, que impede ou paralisa o estímulo para a ação das oposições.

O capítulo intitulado “Fake News, a novidade das velhas falsificações” de autoria de Juremir Machado tem como base, para analisar o fenômeno da falsificação de notícias nas redes sociais, as ideias de dois intelectuais, o francês Jean Baudrillard e o italiano Umberto Eco. O autor questiona se as *fake news* constituem uma novidade jornalística e sociológica ou apenas a aceleração radical tecnológica de uma antiga modalidade de difusão de boatos, de falsificação de informações e de destruição de reputações? Na busca da compreensão



do fenômeno e toda a sua estrutura, Machado (2020) faz algumas com siderações sobre *fake news* ser o ato de publicar aquilo que alguém gostaria de ler ou de ver, mesmo sendo inverídico, com o desejo de que se torne verdade por repetição ou por ser a pista forçada de uma realidade encoberta. O autor se apropria da crítica de Eco dos anos de 1980, quando o pensador italiano faz algumas observações sobre uma “guerrilha da falsificação” (grifo do autor) ou guerra suja da informação. Já na visão de Baudrillard (1996) as *fake news* podem ser vistas como a simulação é o êxtase do real. Ao tomar como exemplo a televisão, para Baudrillard chama de verdadeiramente falsos e falsamente verdadeiros, ao relator o *fake*. Ele aponta uma estratégia radical, como sendo a aceleração do falso para regatar a necessidade do verdadeiro, como uma saída para o combate as *fake news*. Machado também faz predições a partir do questionamento que Baudrillard fizesse neste cenário que vivenciamos, se “não serão elas a revelação de que a verdade morreu como uma manchete do dia anterior jamais refutada nem confirmada, apenas esquecida, superada, suplantada, neutralizada?” O autor também faz severas críticas aos pilares jornalismo como a neutralidade, a imparcialidade, a isenção e a objetividade, e sobre sua prática. Alguns exemplos clássicos de *fake news* que circularam no Brasil, como a de que o ex-presidente Lula estivesse entre um dos duzentos homens mais ricos do mundo, são usados por Machado (2020; p. 42), para mostrar o *modus operandi*, e alertar para as suas consequências e desdobramentos. “Não é difícil perceber que para alguns a informação falsa tornou-se, de algum modo verdadeira, o que faria dela uma verdade virtual anterior à verdade factual ou de direito”.

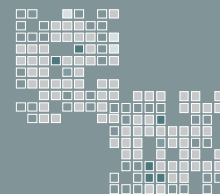
Em uma perspectiva história a pesquisadora Carla Baptista no texto “Digitalização, desinformação e notícias falsas – uma perspectiva histórica” analisa a estagnação das notícias, que motivaram a decadência da esfera pública e promoveram o surgimento da desinformação e das notícias falsas em larga escala no ambiente digital. Na reflexão, a autora buscou compreender estes fenômenos ao longo de transformações radicais que fragilizaram o jornalismo como instituição social e o desligaram do campo cultural. A proposta dela é resgatar a informação de qualidade e combater a informação distorcida e para isso, é preciso pensar o jornalismo como um trabalho de resistência intelectual suportado por públicos esclarecidos. A partir da problemática a respeito de quem estragou as notícias. De acordo com a autora, as notícias foram estragadas em contextos profissionais eticamente desregulados. E o jornalismo se transformou em um mundo cheio de contradições, devido a ausência de filtros editoriais e a cacofonia circulante no meio digital transformam a notícia em uma potência infinita em permanente estado de atualização. Outro detalhe é a participação, que implica na perda de clareza, definição e propósito, contribuindo para o estragamento das notícias. A esfera pública na clássica concepção de Habermas é outro fundamento



relevante para autora, apesar de evidenciar a sua falência na atualidade porque é construída por meio da participação não coagida dos membros da comunidade comunicativa na discussão pública. A discussão de comunicação, cultura e tecnologia na contemporaneidade contribuem para a proliferação de esferas públicas disruptivas. A autora aponta, entre as causas de fabricação de notícias falsas, o alargamento do jornalismo para gêneros *borderline*, onde mistura informação, opinião e entretenimento. Em termos de definição, ela apresenta duas perspectivas, sendo uma restrita, onde as notícias falsas podem ser desmentidas através da verificação dos fatos, e outra mais ampla que inclui a tentativa deliberada de desinformar e distorcer as notícias, por meio de versões parciais ou incorretas de modo a aumentar o descontentamento, o ressentimento e a polarização.

No texto “Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade”, as autoras Inês Amaral e Sofia José dos Santos apresentam o ecossistema mediático, com característica online, que assume as redes sociais como o seu centro. Outra característica deste ambiente é a coabitação entre media, utilizadores comuns e novos *gatekeepers*. Sendo esses últimos que se movimentam no ambiente mediático online com capacidade de propagar informação falsa de forma viral e numa lógica de “*dis-information*” e “*mal-information*”. As autoras exploram a articulação e alimentação recíproca que se estabelece entre os conceitos “pós-verdade”, “fake news” e “desinformação”. Além da definição do dicionário Oxford para pós-verdade, elas exploram outras possibilidades como a substituição de evidências por crenças pessoais e emoções de Rochlin (2017), em contraponto com Lewandowsky et al. (2017) que se referem ao abandono de critérios convencionais de evidência, de coerência e de um processo de verificação de factos. Alargando as fronteiras do termo notícia falsa Muniz Sodré elabora um tratado histórico sobre as fronteiras da credibilidade jornalística com o texto “O facto falso: do factóide às fake News”. O autor pontua o contexto atual de incorporação da rede eletrônica e o seu funcionamento de base discursiva mercadológica, que leva principalmente o jovem a não conseguir distinguir entre informação e mercadoria. Sodré reflete com propriedade as questões fundantes do jornalismo como a veracidade do acontecimento, *fait divers*, factualidade, distinção entre fato e coisa, ao mundo dos fatos, objetividade jornalística, entre outros temas relevantes. Ele apresenta uma distinção entre notícia falsa e boato ou rumor, com exemplos pontuais e fundamentados para cada proposta. Concluindo que nada pode ser mais “*fake*” (grifo do autor), que a pretensão de uma verdade absoluta da *news*.

O texto “Pré-verdade, verdade e pós-verdade: um percurso rumo à política contemporânea” de Alexandre Franco de Sá faz um mergulho filosófico para traçar o caminho desde a relação entre verdade e soberania no século XVII à noção de pós-verdade. A hipótese inicial é de que

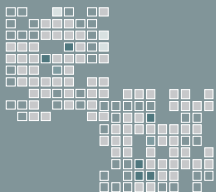


a verdade é aquilo que Deus quer. A partir das ideias de Hobbes (1996), o autor propõe que a relação entre soberania e justiça se reproduz também na relação entre soberania e verdade. Um contraponto entre Hobbes e Rousseau sobre o que é a verdade, sendo que para ambos “a verdade é o que o soberano estabelece como tal”. Mas a oposição é que o primeiro considera a verdade numa vontade particular qualquer e o segundo considera a vontade geral do povo. Em uma passagem pela obra de Nietzsche (1988; p. 114), entre outros pensadores clássicos, sobre a “verdade dos fatos” (grifo do autor) ser uma ilusão, “porque o que cada um assume como verdade nada seria senão uma afirmação da sua própria vida, perspectiva e valores, dos seus desejos, impulsos e necessidades”. Com a clássica afirmação de Nietzsche de que não há verdade.

“Em nome do povo: o populismo e o novo ecossistema mediático” de Hélder Prior, que busca entender as relações entre o populismo e a política da pós-verdade. Além disso, por meio de um breve percurso histórico sobre populismo, do populismo clássico ao ressurgimento do populismo na Europa, com exemplos contemporâneos a direita (Le Pen) e a esquerda (Hugo Chaves). O autor infere sobre o populismo como uma ideologia de baixa intensidade. Segundo ele, populismo é um termo polissêmico, ambíguo e que tem origem nos movimentos revolucionários, contra os privilégios da nobreza, na Rússia do século XIX e nos Estados Unidos da América com a formação do Partido do Povo no final do mesmo século. Para o autor trata-se de uma categoria pouco precisa que se tem utilizado quer para caracterizar movimentos políticos que clamam por devolver o poder ao povo, ou, ainda, para referir as políticas socialistas da chamada viragem à esquerda da política latino-americana. O autor segue avançando pelo que o autor denomina de vaga populista da Europa. Apresentando distinções entre o populismo clássico ou da chamada viragem à esquerda do populismo latino-americano.

Fernando Zamith no texto “Pós de verdade: quando o (ciber)jornalismo se contenta com pouco” questiona a utilização do conceito de pós-verdade, com uma reflexão focada no ciberjornalismo, que segundo ele foi reduzido a informações e declarações soltas. Avança na reflexão com uma discussão a respeito das causas e dos efeitos da circulação do conceito. Ao final o autor propõe o conceito de reverdade, como uma volta da verdade.

“Para acabar de vez com as boas notícias. Elogio das pequenas coerências e da justa complexidade” de Luiz António Umbelino apresenta por meio de três figuras-tipo - o opinador emotivo, o perito soberbo (ou “perito-sacerdote” como se lhe refere N. Postman; 1993, p. 85) e o ideólogo de grupo, que tendem a colonizar o “a linguagem do espaço público noticiada”. O autor lança alguns questionamentos sobre o jornalismo, como: será que o único objetivo da “informação” deverá ser o de “transmitir conteúdos”, como se a

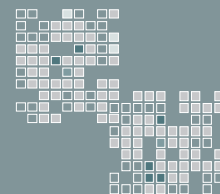


“informação” fosse apenas mais um “produto”, uma “coisa” que se quer ter, algo desejável por si mesmo e sem ligação aos seus possíveis usos, significados, propósitos e malhas alargadas de significado? O autor argumenta que atual estado de coisas pode ter sido favorecido por algumas figuras-tipo que tendem a colonizar “a linguagem do espaço público noticiada” (grifo do autor) com a opinião rápida e infantil, com a conclusão que passa em silêncio a complexidade dos problemas e com a incapacidade de reconhecer até que ponto pode ser bom sofrer as consequências da verdade (ou da procura da verdade).

Antônio Fausto Neto estuda a questão das “Fake News e circulação de sentidos nas eleições presidenciais brasileiras”, a partir da produção e circulação de conteúdos de mensagens em redes sociais, tendo como objeto empírico a publicação da campanha do então candidato Jair Messias Bolsonaro, na qual uma mulher negra declara seu apoio a ele. A pesquisa realizou um exercício de checagem das informações da referida postagem, que revelou a farsa montada para ganhar a simpatia do público e aproximar a comunidade negra do candidato. A mensagem foi produzida a partir da apropriação de imagem de uma mulher de origem etíope, residente no Canadá, junto de banco de imagens de empresa americana. Entre as referências selecionadas duas matrizes comunicacionais, que mesmo com características distintas apresentam articulações entre suas dinâmicas: a “sociedade dos meios” (grifo do autor) e “sociedade em midiatização”. Essas matrizes se justificam devido a sua importância nos estudos sobre os media nos estudos latino-americanos.

Seguindo também com o foco as eleições de 2018 no Brasil, as pesquisadoras Spinelli e Ramos (2020) adentram pela “Desordem informacional no ecossistema digital das eleições brasileiras de 2018”. A partir da afirmação de que existe uma desordem informacional no ecossistema digital, as autoras revelam que o uso de plataformas de tecnologia como Google e Facebook, na disseminação de informação em ano de eleição é uma das principais preocupações do contexto contemporâneo. na disseminação de informação em eleições democráticas. As autoras revelam com dados que o Brasil é um país vulnerável, por apresentar uma alta taxa de analfabetismo funcional e também porque grande parte da população consome informação em dispositivos móveis, redes sociais e aplicativos de mensagens. A pesquisa investigou as ações implementadas para minimizar o ambiente de desinformação e a proliferação de notícias falsas intensificado pelas eleições brasileiras de 2018. Com base nos dados de pesquisas empíricas e categorias apontadas pelo relatório *Information Disorder*, comissionado pelo Conselho Europeu em 2017, foram elencadas questões relevantes no tocante à desaceleração do ambiente de desordem informacional.

A pesquisa considerou que no Brasil, as ações para o combate à desinformação ainda se apresentam de forma muito dispersa e isolada, o que contribui de maneira pouco



significativa com a perenidade de projetos para educação midiática como algo constitutivo da sociedade brasileira.

A pesquisa empírica sobre “Notícia versus fake news. A explosão discursiva das informações falsas e o mundo dos jornalistas” de autoria de Thais de Mendonça Jorge faz uma aproximação com o termo “explosão discursiva de Foucault (1988) para investigar a questão das notícias falsas. Por meio de um questionário respondido por 210 jornalistas e professores de jornalismo brasileiros, com o objetivo de descobrir o que representam as *fake news* no universo, na cultura do dia a dia e na prática profissional, enfim, no que pode ser caracterizado pela pesquisa como “mundo dos jornalistas” (grifo meu), e também se as notícias falsas são um perigo para o jornalismo? Uma série de quatro inferências conceituais e teóricas, a pesquisa também apurou que os jornalistas estão preocupados com as fake News porque entendem elas como uma ameaça à credibilidade profissional.

No texto “As fake news dos jornalistas: a formação em Ciências Sociais e Humanas como estratégia de verificação” de Sandra Marinho apresenta uma reflexão sobre a necessidade das disciplinas do campo das Ciências Sociais para a formação universitária em qualquer área e principalmente no jornalismo, como uma forma de preparar o profissional para conviver com as notícias falsas. No cenário rápido de mudança, a pesquisadora defende o amparo dos mecanismos de verificação, mais ou menos automatizados, que vão surgindo e aos quais os jornalistas podem recorrer, por valorizar a relevância do conhecimento prévio dos profissionais, nos campos das Ciências Sociais e Humanas. Considerando um privilégio a possibilidade de adquirir este tipo de saber na formação em Jornalismo que é oferecida pelos cursos superiores da área.

